CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA EM DESIGN GRÁFICO

ARTHUR DE ANDRADE CATALANI
EDUARDO PORFÍRIO
ESTHER LUIZA VOLGARINI BELLINAZZI
JOYCE GIOVANNA SICCHIERI
JÚLIA CRISTINA LELLIS CANAL
MARIANA COSTA GONÇALVES

ARTE DE RUA EM MÍDIA IMPRESSA

Ribeirão Preto
2020

ARTHUR DE ANDRADE CATALANI

EDUARDO PORFÍRIO

ESTHER LUIZA VOLGARINI BELLINAZZI

JOYCE GIOVANNA SICCHIERI

JÚLIA CRISTINA LELLIS CANAL

MARIANA COSTA GONÇALVES

ARTE DE RUA EM MÍDIA IMPRESSA

Trabalho de Conclusão de Semestre apresentado ao Centro Universitário Barão de Mauá para a Disciplina de Projeto Integrador

Orientador: Prof. Paulo Eduardo Canedo Nabas

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 3
1.1 Metodologia 3
1.2 Briefing 3
1.3 Persona 4
1.4 Problemas a serem resolvidos 5
1.5 Embasamento 5
1.6 Pesquisa de campo 6
1.7 Referências 10
1.8 Proposta de solução 13
1.9 Construção da marca 13
1.10 Personalidade da marca 13
1.11 Missão, visão e valores 14
1.12 Manifesto 14
1.13 Naming 14
1.14 Slogan 15
2 IDENTIDADE VISUAL 16
2.1 Paleta de cores 16
2.2 Iconografia 17
2.3 Fotografia 18
3 PROJETO GRÁFICO 19
3.1 Tipografia 19
4 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ 21
4.1 Aplicação 22
5 PROJETO FINAL 25
REFERENCIAS 41
APÊNDICE A - Produção 42

1 INTRODUÇÃO

A arte urbana comunica lutas, denúncias e protestos relacionados a questões sociais e políticas ou manifestações poéticas. Ao mesmo tempo, cumpre um propósito estético de intervenção urbana, abrangendo todos os exemplos de manifestações artísticas desenvolvidas no espaço urbano que se diferem de atos de vandalismo. Por abordar diversidades dessas manifestações, a revista (In)visível tem o objetivo de aproximar o público sobre este determinado assunto e circunstâncias do meio, visando oferecer uma nova visão e dar voz a uma arte de grande relevância para a sociedade.

1.1 Metodologia

Para a realização do projeto foi estabelecido:

- Reuniões semanais para discussão do projeto
- Vídeo conferências
- Pesquisa qualitativa e quantitativa
- Pesquisa de referência
- Entrevista com profissionais da área
- Brainstorming para a solução de problemas
- Votação das melhores ideias
- Divisão de tarefas para aceleração do projeto

1.2 Briefing

Público-alvo: Jovens e Adultos (15 aos 29)

- Público misto composto por leigos e pessoas que já estão ou possuem conhecimento sobre o tema retratado.
- O propósito individual e a energia criativa dos jovens possuem um valor inestimável à arte e o interessante dos mesmos explorar a arte de rua é que ela é acessível a todos.
- A arte de rua e manifestações em sua maioria é realizada pelo público jovem.

- Como uma oportunidade, jovens usam a arte de rua para causar reflexão, emocionar e fazer denúncias, como um todo, uma forma de manifestação.
- Ainda que carregada de preconceitos, o caráter conceitual e crítico da Arte Urbana é o que mais atrai os jovens para essa cultura mantendo, inclusive, o seu crescimento. E em geral, o seu caráter estético tem atraído cada vez mais artistas ao movimento de Arte Urbana.

1.3 Persona

Com o intuito de descontruir a visão pré-estabelecida de nosso público-alvo leigo, a persona presente foi criada a partir das características mais comuns dentre esse público, direcionando-a, por fim, para um resultado do qual nós almejamos.

Gloire Ilonde, 21 anos

Gloire é um jovem estudante universitário comum, integrado na classe média, que pega o seu ônibus para ir a faculdade cordialmente a noite. Sendo essa uma rotina para Glorie, nenhuma mudança ocorre ao seu redor que chame a atenção dele. Em um certo dia, esse jovem avista um alguém que pareça estar “pixando” uma parede próxima ao seu ponto de ônibus. Por curiosidade, ele se aproxima e compreende que, na verdade, aquela arte que o interessou se tratava de grafite. Esse evento foi, inesperadamente, uma conscientização sobre a própria arte de rua.

1.4 Problemas a serem resolvidos

- Falta de conscientização sobre a arte de rua;
- Falta de informação sobre a arte de rua e suas manifestações;
- Falta de compreensão para enxergar a arte urbana como uma arte “digna” de ocupar os espaços de artes tradicionais consideradas cultas;
- Poucos projetos ativos de mídia impressa que aborde o assunto mencionado.
- Falta de informação sobre os problemas enfrentados pelos artistas de rua, como a proibição de manifestações artísticas em locais públicos.

1.5 Embasamento

- Inicialmente, muitas das manifestações de rua surgiram como alternativas de comunicação, denúncia e até mesmo como fonte de renda para pessoas marginalizadas que viviam nas periferias do país, e hoje uma maior variação de público utiliza este meio como manifestação e imposição de local de fala.
- Levar informações vivenciadas no meio da arte urbana para todo tipo de público se torna cada vez mais importante, principalmente para demonstrar maior visibilidade ao que é essencial para a sociedade: a cultura.
- A ideia principal da Arte Urbana, é justamente migrar dos lugares ditos “consagrados”, ou seja, destinados à exposição e apresentações artísticas como teatros, cinemas, bibliotecas e museus, e expandir para locais de visibilidade da arte cotidiana, espalhada pelas ruas.
- Para os artistas, a arte de rua não precisa de tempo, espaço, movimento cultural ou de reconhecimento para acontecer, ela só precisa da rua, pois, essa é a maneira que ela acontece, nos locais menos esperados: nos guetos, nos lixões, debaixo de pontes, em paredes estragadas e em lugares abandonados.
- Além disso, a arte de rua comunica lutas, denúncias e protestos relacionados a questões sociais e políticas ou manifestações poéticas. Os maiores exemplos encontrados são as pinturas e o grafite.
- Em uma sociedade, 5 a cada 10 pessoas reconhecem a importância da arte urbana para o seu meio, e reconhecem as intervenções artísticas. E mesmo sendo realizada no meio urbano, os artistas de rua não possuem um certo valor digno e reconhecimento pela

realização de seu trabalho.

- É importante analisar o crescimento da arte urbana nos últimos tempos e a forma que passa a ser vista como um “valor cultural” muito significativo para as minorias que anseiam em mostrar sua arte.
- Assim, essas manifestações populares permitem o encontro das pessoas com a arte independente. Ainda assim, poucos artistas de rua conseguiram um lugar de destaque e reconhecimento mundial pela mídia, indústria e diversos meios de comunicação de massa.
- Partindo do princípio de que ainda existe uma perspectiva errônea ou até mesmo preconceituosa quanto a arte urbana, a revista pode propor uma nova visão sobre o assunto e assim, dar voz a uma cultura que é diminuída na sociedade.

1.6 Pesquisa de campo

Realizamos uma validação em maio de 2020 com o alcance de 117 pessoas que se encaixam no nosso público-alvo. Além de buscar um público geral, compartilhamos também nas redes sociais em grupos e páginas voltados para o assunto, para assim conseguirmos obter mais precisão para quem estamos criando o nosso projeto, também levantando a questão se esse público está ou não inserido no meio artístico urbano.

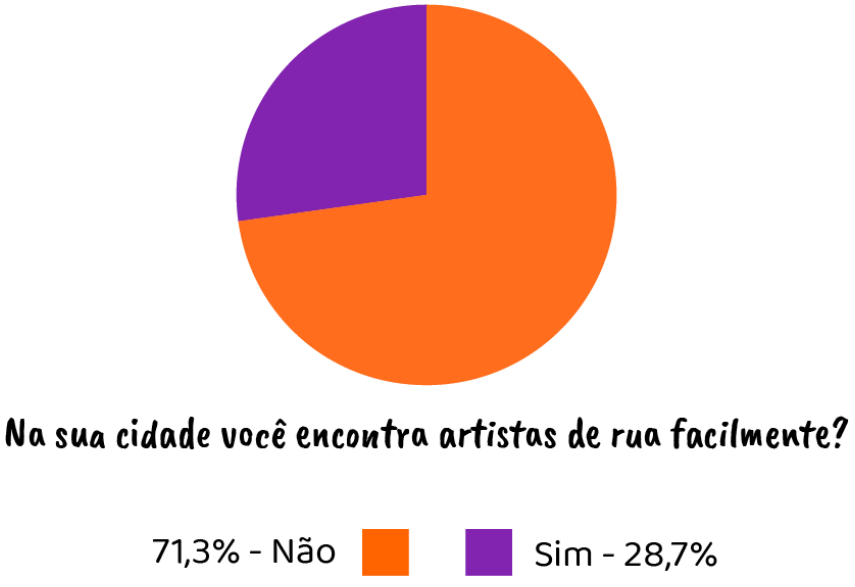
Realizamos algumas perguntas variando entre dissertativas e de múltipla escolha. Os resultados das perguntas de múltipla escolha e as informações dos entrevistados se encontram nos gráficos abaixo. Porém, as perguntas dissertativas serão apresentadas ao decorrer do projeto.

Gráfico 1 – Questionário da pesquisa – Pergunta:

Fonte: dos autores.

Neste gráfico percebe-se que a maior parte do público (98,1%) aponta que a arte de rua é pouco valorizada por seus entendimentos, entre esse público há aqueles que estão inseridos no meio da arte urbana. O gráfico apresenta um resultado que já era esperado.

Gráfico 2 – Questionário da pesquisa – Pergunta:



Fonte: dos autores.

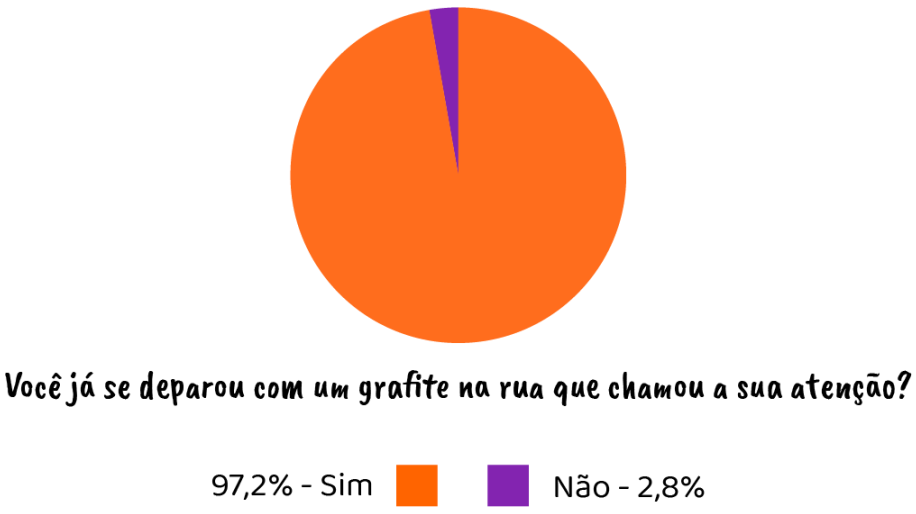
Essa questão teve o maior objetivo de obter informação se o entrevistado encontra facilmente artistas urbanos em seu local que reside, e saber se eles eram facilmente inseridos neste meio da arte urbana, e maior parte (71,3%) aponta resposta negativa.

Gráfico 3 – Questionário da pesquisa – Pergunta:

Fonte: dos autores.

Neste gráfico é apontado os locais (estados) onde os entrevistados residem, e pode-se observar que a maioria é do estado de São Paulo, variando entre várias cidades do estado.

Gráfico 4 – Questionário da pesquisa – Pergunta:



Fonte: dos autores.

Muitas vezes o grafite nos chama atenção, pelas suas cores, criatividade, expressão artística e até mesmo crítica social, e pode-se afirmar esta citação com o resultado obtido por este gráfico, onde 97,2% dos entrevistados expressam resposta afirmativa.

Gráfico 5 – Questionário da pesquisa – Pergunta:

Fonte: dos autores.

Para saber se os entrevistados se encaixam nos padrões de idade do nosso público alvo, levantamos a questão de informação da idade, e grande parte deles tem idade entre 15 a 29 anos, o que representa uma afirmação ao atingir maior parte de pessoas do nosso público alvo.

Feito estas pesquisas chegamos à conclusão de que apesar dos nossos entrevistados alegar que sim, a arte de rua é pouco valorizada, estas mesmas pessoas ou grande parte não encontram artistas facilmente em suas cidades. Ou será que essas pessoas não prestam atenção a isso? Já quando perguntamos se o entrevistado já viu um certo grafite que chamou sua atenção, a maioria das respostas foram sim. Mas será que essas pessoas sabem de quem são esses artistas? Foi justamente fazendo essas perguntas que nós estabelecemos quem era de verdade o nosso público e qual a melhor forma poderíamos nos comunicar com ele, seja pelas palavras ou pela identidade visual.

1.7 Referências

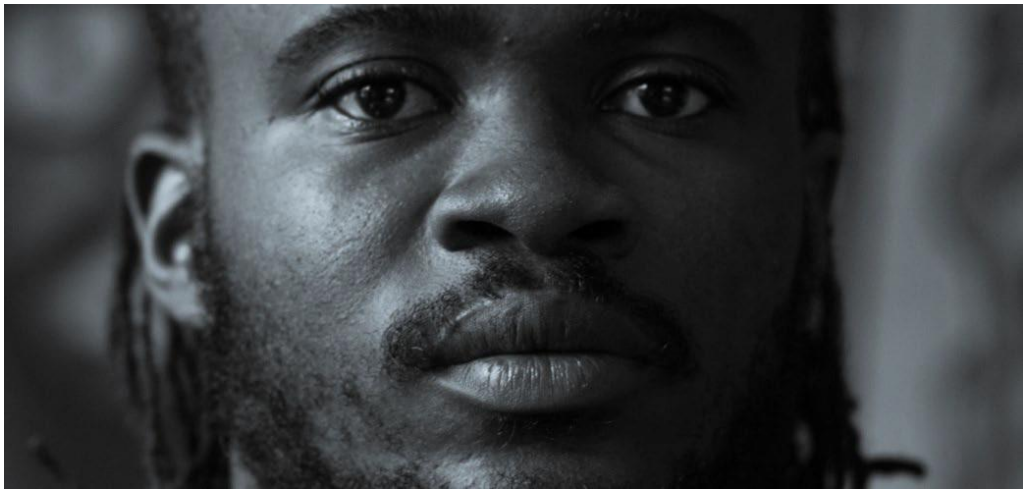
Figura 1 - Djamila Ribeiro

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir, expressar e impor local de fala”

- Djamila Ribeiro

Djamila Taís Ribeiro dos Santos, é uma filósofa, feminista negra, ativista, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na Internet, atualmente é colunista do jornal Folha de S. Paulo.

Figura 2 - Gloire Ilonde



“ Vi o que realmente é o racismo quando cheguei no Brasil, e a discriminação em geral, preconceito, o racismo só pode ser combatido com punição, através das leis, infelizmente”

- Gloire Ilonde

Gloire Ilonde nasceu em Kinshasa, capital e maior cidade da República Democrática do Congo, centro da África. Há cinco anos vive em Florianópolis. Depois

de ter estudado arquitetura na cidade natal, veio como intercambista para estudar artes visuais, curso que interrompeu para dedicar-se ao design gráfico. Embora artista destacado pelo trabalho com pintura, cerâmica e xilogravura, ficou conhecido por aqui nos palcos.

Figura 3 - Rap (Rhythm and Poetry)

Marco Inicial: Sugarhill Gang
Referências Internacionais: Tupac, Snoop Dog, Queen Latifah (primeira mulher rapper)
Referências Nacionais:

- Os primeiros: Thayde e DJ Hum
- Sucessos: Racionais, Pavilhão 9, Planet Hemo, Sabotage

Figura 4 - Dança

Influenciada pelo Soul, Funk e Rap (Soul e Funk foram apresentados pela

primeira vez por James Brown)

- Principal vertente: break dance (fez sucesso com Michael Jackson)
- Referência Nacional: Marcelo Cirino, primeiro professor de dança de rua no Brasil (Santos, 1991).

Figura 5 - Circo

Philip Astley: primeiro homem a transformar o circo em um show de variedades, com o intuito de deixar a imagem dos artistas menos marginalizada.

Thomas Taplin Cooke: primeiro a viajar o mundo com seu circo Principais circos do mundo atualmente: Cirque du Soleil, Circus Oz e Circo de Moscou

Figura 6 - Grafite

Marco inicial: Derryl McCray

Principais grafiteiros brasileiros atualmente:

- Kobra: Fez o maior mural do mundo na fachada da Cacau Show em São Paulo-SP.
- Os gêmeos: Misturam a cultura do folclore com histórias populares. Eles possuem projetos muito grandes, inclusive um mural de 2000m² (Vancouver Binnale) e um projeto em aviões da linha Gol.
- Crânio: Visa a representação de críticas sociais, suas obras sempre possuem um índio azul (personagem que ele mesmo criou como sua identidade) inserido em situações sociais.

1.8 Proposta de solução

- Levar ao público, através de um material impresso, uma nova visão sobre a arte de rua e dar voz a uma cultura que é diminuída na sociedade.
- Desconstrução da visão prévia sobre a arte de rua;
- Criação de uma estética que represente a cultura mencionada;
- Criação de artigos e textos que abordem a representatividade;
- Cativar um público diverso em relação aos que, previamente, se encontravam incluídos na cena;

1.9 Construção da marca

A fim de estruturar as atitudes da nossa marca, bem como, afunilar o nosso público em função de atingi-lo com sucesso, nós criamos uma estrutura que permitirá todos os nossos projetos, sendo esses atuais ou futuros, possuírem uma única identidade.

1.10 Personalidade da marca

Partindo do princípio que temos como objetivo levantar reflexões sobre o assunto abordado ao longo do projeto, queremos ser honestos e diretos em nossa fala, bem como apresentar exemplos e pautas inesperadas. Para isso, criamos o tom e a voz da nossa marca que estará presente em cada aplicação textual:

Tom: Compreensivo, incisivo e questionador.
Voz: Informativa, autêntica e sincera.

1.11 Missão, visão e valores

Com o nosso objetivo em mente, conseguiremos atingir com mais facilidade o resultado esperado. Com base nesses aspectos, criamos uma missão, visão e valores que serão de fundamental importância para o direcionamento do projeto presente.

Missão: Apresentar a arte de rua de um novo ponto de vista, dando voz e visibilidade a essa arte que ainda é diminuída.
Visão: Ser influente no meio editorial, bem como entre nosso público-alvo.
Valores: Desconstrução de visões pré-estabelecidas, informação, conscientização e compreensão.

1.12 Manifesto

Para o nosso manifesto, esse foi produzido em forma de vídeo e será a introdução da nossa marca. No manifesto audiovisual, possuímos a percepção de todos os elementos citados na construção da marca que irão decorrer ao longo de todo projeto, principalmente na identidade visual. Nesse manifesto há, além da linguagem conveniente com a personalidade, uma forte presença dos termos como: dicotomia e antítese. Além disso, há a presença do naming, juntamente com a logo produzida e a frase de efeito. Tendo em vista os aspectos mencionados, abaixo temos a descrição do roteiro e áudio adicionado ao vídeo:

“O que é o que é? É atenção, mas é ignorado. É revolução, mas não é o bastante. É claro, mas você vê obscuro. É fácil, mas você não entende. Esta nítido e você não percebe. In-vi-sì-vel, veja o que sempre esteve ali”.

1.13 Naming

A criação do Naming foi baseada em duas palavras chaves sendo a primeira Dicotomia. Dicotomia é um termo utilizado para representar a oposição de duas coisas ou dois conceitos, normalmente esses termos opostos são utilizados para gerar uma ironia e, por fim, causar uma crítica. Exemplos de dicotomia são: claro e escuro, fogo e água, dia e noite.

Em relação ao segundo termo, esse é Antítese. Antítese é uma figura de linguagem que se opõem na mesma palavra ou frase dois pensamentos de sentido

contrário. A utilização dessa figura pode levar a um paradoxo nos fazendo dar, automaticamente, mais atenção a isso. Um exemplo de antítese seria a frase “silêncio ensurdecedor”, frase essa cuja incógnita é criada: “como pode ser ensurdecedor se está em completo silêncio? ”

Foi pensando nesses aspectos que nós planejamos o naming para a revista. Com o intuito de causar curiosidade e também reflexão escolhemos a palavra “(in)visível” com o “in” entre parênteses, visto que desse modo conseguimos ler tanto “visível” quanto “invisível” em uma só palavra.

Consequentemente, geramos uma antítese quando pensamos em Revista Invisível, criando a possível incógnita: “como essa revista pode ser invisível se estou a vendo e a mesma está em minhas mãos? ”.

É exatamente essa reflexão que queremos trazer para a arte: “como essa arte pode ainda continuar invisível se ela está na rua, ou seja, por todos os lados? ”. Nós queremos, por fim, dar visibilidade a essa cultura que está invisível aos olhos de nossos leitores.

1.14 Slogan

A frase de efeito presente possui o intuito de despertar curiosidade e reflexão no nosso público. Partindo do princípio que é humanamente impossível observar cada detalhe do nosso dia e há sempre elementos que passam despercebidos, principalmente nos dias atuais em que a nossa atenção é disputada por uma série de tarefas e ações, a frase presente nos leva a parar por alguns minutos para olhar o nosso espaço urbano, e assim, perceber toda a arte que, como é mencionado na própria frase, sempre esteve ali.

2 IDENTIDADE VISUAL

Imagem 1 - Logotipo

O nosso logotipo foi pensado para ser algo que represente o que nossa revista aborda, mas que ao mesmo tempo não fique tão evidente, por isso a escolha de uma fonte que remete ao grafite, a uma escrita mais desenhada. Nosso objetivo é fazer com que o leitor, leigo ou não, consiga identificar de forma até inconsciente o tipo de assunto que queremos trazer.

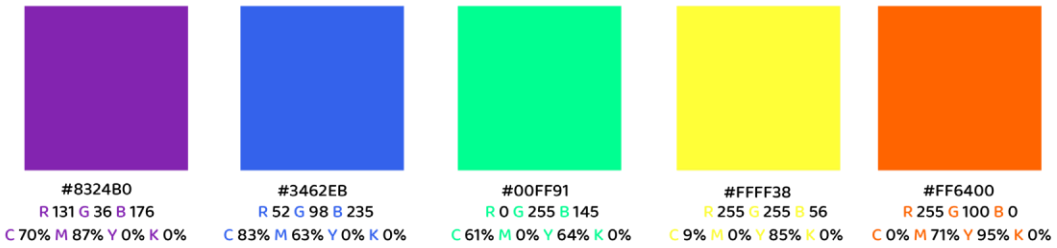
2.1 Paleta de cores

O conceito inicial para a escolha da paleta de cores foi baseado inicialmente com conceitos científicos. Já que estamos trazendo o conceito de visível e invisível como base para o projeto nas cores isso não seria diferente. Primeiramente relembramos um conceito de espectro eletromagnético da física, pois apesar de tudo que vemos ao nosso redor a física explica que nós enxergamos apenas uma parte desse aspecto eletromagnético, sendo chamado de aspecto de luz visível. Aonde ele se inicia do ultravioleta e vai até o infravermelho (sendo que o infravermelho e o ultravioleta não são visíveis aos nossos olhos). Passando assim de cor frias para as cores quentes, isso é do menor comprimento de onda para o maior.

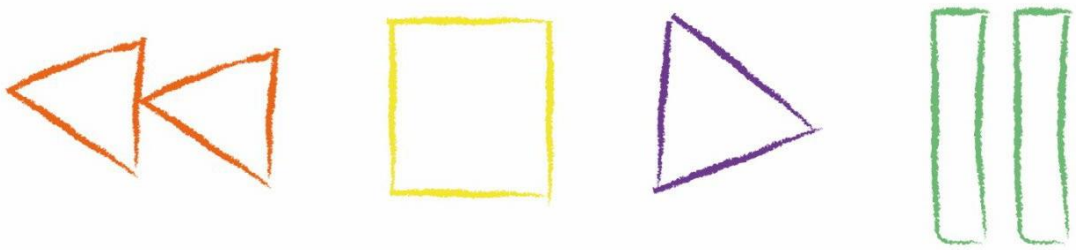
Amarrando todos estes conceitos escolhemos criar uma paleta que segue essa mesma ordem. Porém iniciamos ela no roxo por conta de sua carga de significados, já que o roxo representa o mistério e o suspense quando junta ao preto. Informação retirada do livro Psicologia das cores de Eva Heller e Maria Lucia Lopes Da Silva.

Já na paleta escolhemos como a cor principal do projeto o laranja, não queríamos trazer o vermelho principalmente para não ser uma associação que remetesse a agressividade. O laranja como significado traz o conceito de energia, ou seja, de movimento. Associando isso ao meio urbano já que ele sempre se encontra em transição.

Além disso todas as cores presentes são análogas entre elas, ou seja, geram além de um forte contraste um certo equilíbrio para elas. A seguir está a paleta de cores, seja ela utilizada em RGB ou CMYK. Além de trazê-la em hexadecimal.



2.2 Iconografia



Esta iconografia foi pensada e planejada para acompanhar cada matéria que seria incluída na nossa revista. Para cada uma delas separamos algumas características. O play, assim como você dá o play em uma música, nós queríamos trazer o conceito de dar voz a uma pessoa, ou seja, trazendo possíveis entrevistas. Este ícone também pode ser relacionado a matérias que são mais comentadas e recorrentes. Já para o ícone de pause, trazemos o conceito de parar e refletir, ou seja, este ícone estará trazendo consigo matérias e artigos que de alguma forma geram uma reflexão ao leitor. No ícone de stop a parada é mais significativa, ou seja, ela além de trazer uma reflexão traz uma crítica a um determinado assunto. Fazendo com o que o leitor reflita e pare de certa forma a pensar o que antes não estava em seu

alcance. Já o retornar será utilizado para matérias que voltarmos a olhar para a história e sua origem. Sendo utilizado para contextualizar o nosso público antes de um determinado assunto.

A escolha desse tipo de iconografia foi feita para que ela possa ser utilizada de forma recorrente ao longo das futuras edições, sem nós deixar presos a determinados assuntos e sim encaixar os assuntos conforme seu conteúdo.

2.3 Fotografia

Quanto a fotografia, pensamos em algumas identidades e conceitos que são utilizados ao longo de toda a revista para criar uma unidade, sendo elas o uso de imagens coloridas e preto e branco com destaque de alguns elementos com as cores da nossa paleta, modificar a identidade ao ocultar os olhos das pessoas, utilizar colagens de fotos misturando a diversidade de identidades, ilustrações e rascunhos coloridos nas imagens no estilo Scribble e também fotos com diferentes angulações do rosto.

3 PROJETO GRÁFICO

A revista tem um padrão pensado para se seguir em todas as edições que poderão vir, basicamente é composto por 20 páginas que são divididas entre:

- 4 páginas para a capa e contracapa;
- 3 para arte e o índice;
- 12 para as matérias;
- 1 para publicidade.

3.1 Tipografia

Para títulos:

Caveat Brush

Para cumprir a função de título foi escolhida uma fonte desenvolvida pelo designer Pablo Impallari tem o estilo handlettering chamativo, foi desenvolvida para ser utilizada em pouco texto, assim como os títulos e também remete ao grafite, um dos nossos principais temas. Nesse projeto ela é utilizada no tamanho 95 mantendo um padrão em todas as páginas.

Almost before we knew it, we had left the ground.
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Para corpo do texto:

Baloo 2

Foi escolhida uma fonte amigável já que ela tem formas mais arredondadas, legível, porém, sem as serifas, na maioria das vezes longos corpos de textos utilizam fonte com serifa, mas nesse caso traria uma formalidade que não cabe a revista e também com muitas variações de estilo, assim se adaptando aos textos. Nos nossos textos ela é utilizada no tamanho 10,5 como padrão e com a entrelinha modificada.

Desenvolvida por Ek Type.

Almost before we knew it, we had left the ground.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Para chamadas especiais:

Rock Salt

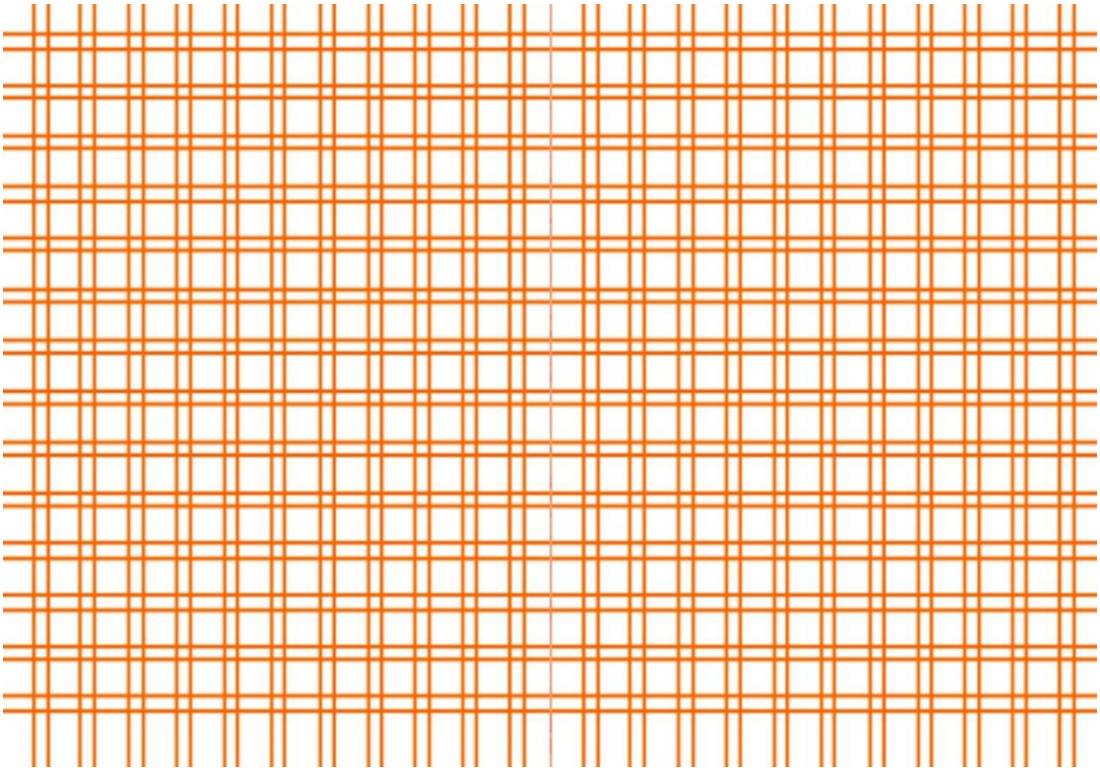
Essa fonte é utilizada apenas para chamadas especiais, ela é uma fonte feita por Sideshow, ela é somente em caixa alta, usada no tamanho 15, handlettering de certa forma variável para chamar a atenção do leitor.

Almost before we knew it, we had left the ground.

4 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

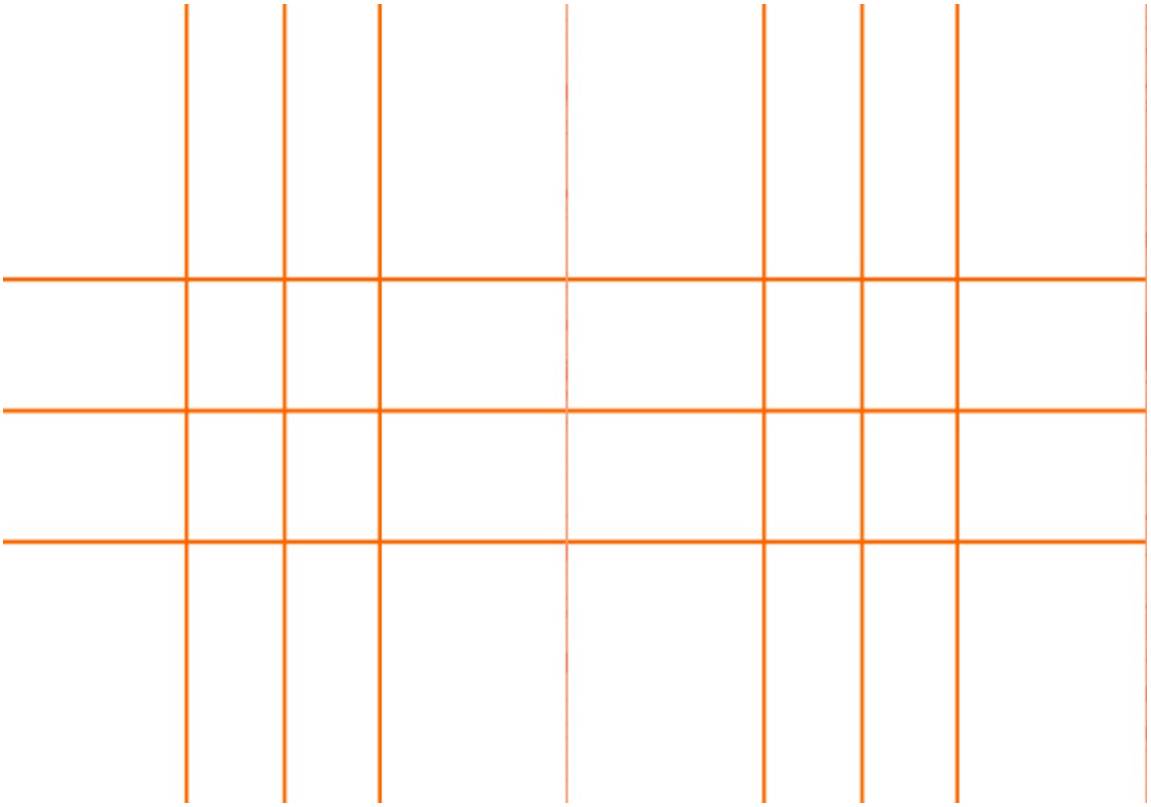
Grid

Já que se trata de uma revista sobre arte de rua um assunto com cunho muito visual o conteúdo varia entre muitos textos e imagens, pensando nisso foram utilizadas duas Grids no projeto. Uma para páginas em que contem maior númerode imagens como pode ser observado na primeira imagem, ela é uma grid 12 colunas x 15 linhas, o que possibilita trabalhar mais livremente com as imagens.



A aplicação desta grid está abaixo representada na matéria do infográfico da história do RAP.

E também há a grid baseada na regra dos terços, em que a folha foi separada em 3 tanto verticalmente como horizontalmente assim criando linhas paralelas, as linhas da grid. Adicionamos também linhas paralelas centrais para acharmos o centro dá página mais rapidamente e trabalhar com o seu equilíbrio durante a diagramação. Essa é utilizada quando o texto se sobressai para ressaltar o mesmo, como podemos ver na imagem abaixo. Utilizando essas duas grids podemos destacar ambos os assuntos do projeto.



4.1 Aplicação

Para a aplicação desta grid antes comentada foi estabelecido alguns padrões e regras para que todas as páginas fiquem em total equilíbrio entre texto e imagens.

Durante a diagramação e a aplicação da grid para a utilização de mais textos foi utilizado um padrão de 3 colunas. Sendo utilizada de no máximo duas colunas para texto, sendo essas com possíveis modificações, desde uma caixa de texto desenhada ou colocar o texto de maneira separada entre as colunas. Já a outra ficaria inteiramente dedicada a frases curtas, ícones, imagens, fotos e outros elementos. O espaçamento utilizado entre imagem e texto foi estabelecido entre 0,5cm a 0,8cm. Sendo as colunas centrais mais estreitas para passar um respiro a mais durante a leitura da revista. Outro ponto que foi planejado durante a revista é que apesar da grid ser fixa ela possibilita infinitas diagramações. Fazendo com que a leitura nunca se torne maçante. A imagem a baixo representa como a grid foi utilizada.

14
Pé
na
rua
ARTE
GRAFITE
15

Na moral o que é RAP?
MÚSICA?
RIMA?

Para a segunda grid, por ela possibilitar ainda mais diversos alinhamentos e disposição de elementos, a utilizamos na matéria do infográfico, buscamos alinhar o tamanho das caixas de texto em até 3 colunas desta grid. Trazendo um fluxo entre imagens e texto muito maior, possibilitando trabalhar com diversas imagens em diferentes tamanhos e desenhos. A próxima imagem está a sua aplicação.

Link para a revista completa:

https://issuu.com/magazine_invisivel_official/docs/final

5 PROJETO FINAL

- **Dança de Rua**

A primeira matéria da revista, sendo ela “Realidade Paralela”, foi escrita com uma linguagem crítica, e por isso utilizamos o ícone “stop”. Nela é abordado como a arte de rua e o hip hop são presentes na cultura negra e como são vistas de forma diferente por pessoas brancas. Foram acrescentados tópicos importante a serem discutidos, como: lugar de fala e apropriação cultural. Com isso, inserimos a Dança de Rua nesse contexto como forma de análise, explicando como ela não pode ser apenas dançada, e sim apreciada, sentida e compreendida.

Matéria completa:

REALIDADE PARALELA

De repente, tudo aquilo que você cresceu vivenciando, ouvindo, sentindo e vendo, torna-se objeto, pauta ou história de outra pessoa. A sua história, ou pelo menos aquilo que você conhecia como sua, tomou proporções gigantescas em rumo a outros horizontes, e então, encontrou um novo dono. Como você se sentiria em uma situação onde você não possui muito, mas aquilo que está sendo tomado, diante de seus olhos, é o seu tudo? A resposta, na verdade, pode ser muito ambígua.

A metáfora presente, aplica-se em um contexto muito atual. Quando falamos de Danças Urbanas, RAP ou até mesmo Grafite, estamos falando, essencialmente, da cultura de negros, de periferias e de pessoas que estão à margem da sociedade. Estamos falando de comunidades, jovens e crianças que se tornarão adultos, e assim, continuarão a repassar a sua cultura para os filhos e próximas gerações. Estamos falando, sobretudo, de pessoas que, ainda hoje, possuem mínimas chances de sair dessa margem, dessas estatísticas, e encontram na arte dos becos, da laje, das festas, do contato, uma diversão, uma vida mais leve, uma realidade paralela em aversão aquela que é dura.

Na verdade, esse cenário é o pioneiro no que diz respeito a cultura mencionada. O que, no entanto, vem sendo modificada para um outro ponto de vista. Sendo esse, o do homem branco, classe média, cuja vida nunca teve grandes dificuldades em relação a sobrevivência, o qual acha “maneiro” tudo que envolve o Hip Hop.

Para uma cultura que outrora era marginalizada, essa discrepância de realidades nos mostra quão o interesse vem aumentando pelo o que diz respeito ao Hip Hop. À medida que esse interesse cresce, uma incógnita surge, automaticamente, junto: Qual seria o limite entre a apreciação e a apropriação?

Apropriação cultural, em uma descrição sucinta, é qualquer coisa que, retirada de outra cultura, é colocada fora de contexto para uso e ganho pessoal. Exemplificando, é quando se utiliza dos negros como fantasia, do estilo afro como os “durags”, o “dakishi” e a Trança Nagô, quando há idiossincrasia, isto é, gestos de mão, particularmente, associado aos negros, ou até mesmo, imitação de sinais de gangues. Em suma, o uso de tudo que, basicamente, não é próprio da sua cultura pode resultar em apropriação cultural.

Uma das vertentes do hip hop que está em alta nos dias atuais é a dança de rua. Dança que vem unindo europeus, asiáticos, africanos, latinos e diversas etnias em coreografias, músicas, “challenges” e passos que estão no “hype”.

Em uma entrevista do dia 24 de maio de 2020 para a STEEZY, (uma plataforma de aulas de dança online com professores, sendo esses os melhores dançarinos ao redor do mundo), Jojo Diggs, uma dançarina; mulher; branca e atuante na área por 17 anos, juntamente com o Jade ‘Soul’ Zuberi, um dançarino; homem; negro e atuante na área por mais de 20 anos, abordam sobre uma série de coisas que deveriam ser levadas em consideração antes de simplesmente copiar, em frente a um espelho, coreografias encontradas na internet.

Jojo Diggs, inicia enfatizando que, definitivamente, essa cultura tem que ser compartilhada e tem que ser de entendimento mútuo. A dançarina ressalta o quão necessário é que você ame o Hip Hop, que ame a dança de rua. Contudo, a maneira que você ama é muito importante. Jojo complementa que se aquela cultura da qual você ama está dizendo que o seu jeito de amar é opressivo, mas mesmo assim você continua insistindo nisso, então isso não é, realmente, amor.

“Dança de rua é uma cultura, não uma fantasia, você não pode fingir ter uma experiência vívida”.

Jade ‘Soul’ Zuberi, ao mencionar uma frase conhecida: “Eles amam a cultura negra, mas não amam as pessoas negras”, traz à tona o grande problema relacionado a apropriação cultural, onde você transforma toda uma cultura em sua, colocando o Hip Hop em um grande pedestal, quando, apesar disso, os integrantes originais continuam sendo vistos como escória e ainda são vítimas de racismo. ‘Soul’

diz que não se trata de poder ou não fazer algo, porém de entender se algo realmente precisa ser feito. “Deveria você ter senso de responsabilidade? Deveria você ter consciência dessa cultura? Deveria você ter amor não somente por si mesmo, mas principalmente pelas pessoas que estão inseridas no contexto da cultura da qual você diz que tanto ama? ”, complementa Soul.

Jojo evidencia que nós devemos aprender a dança de rua com a cultura, não somente com as aulas. Se você somente entrar nos estúdios de dança, o que é muito valioso, só irá te resultar em um dançarino com técnicas muito fortes. Uma analogia a esse cenário seria a diferença entre estudar um idioma novo em uma sala de aula e de, finalmente, ir ao país entender como as pessoas realmente falam, como eles pensam e interagem uns com os outros. Ir um pouco mais profundo é olhar para as diferentes perspectivas daquela cultura. O que você não pode perder é como a cultura incorpora, qual é a sua real essência. A dançarina e artista, entende que é de extrema importância saber isso, visto que, é aquilo que permite ter uma completa liberdade.

“Você não pode entender para onde algo está indo, se você não sabe de onde veio”, diz Jojo.

Levando em consideração os aspectos mencionados, há, além desses, ainda um conflito com o lugar de fala. Se uma pessoa, não originalmente inserida no Hip Hop, aprecia muito e tem vontade de replicar essa paixão, estaria essa roubando o lugar de fala de outras pessoas ou, até mesmo, praticando uma apropriação cultural?

Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, explica sobre o lugar de fala em um de seus discursos. “Lugar de fala não é impedir alguém de falar, é dizer que outra voz precisa ser ouvida”, diz Djamila. A filósofa menciona que, infelizmente, ainda hoje possuímos uma status hierárquico em relação as vozes que são levadas em consideração na sociedade. Na base encontramos a mulher negra, depois o homem negro, acima a mulher branca e no topo o homem branco. Melhor dizendo,se você possui uma relevância na qual mais pessoas possam te ouvir, você deve sim falar e divulgar sobre a cultura. Entretanto, não se deve argumentar como se ela fosse uma propriedade sua, mas deixando claro a quem ela pertence e de onde ela vem, fazendo, por fim, mais pessoas se conscientizarem a respeito disso.

Como exemplo, essa filosofia é exatamente a que Jojo Diggs aplica na

prática. Apesar de ser naturalmente privilegiada, Jojo mostra o afeto pela cultura mantendo essa viva. A artista afirma que tentou retornar esse ganho ao estudar o racismo estrutural que continha nela mesma e ao desmanchar esse tipo de construção social por meio da criação de comunidades e plataformas, falando a respeito e fazendo uma série de trabalhos voluntários.

'Soul' finaliza dizendo que você deve pensar sobre o seu impacto como um indivíduo e como isso vai influenciar outras pessoas dentro do seu espaço pessoal e, por fim, no seu espaço profissional. Se você tiver esse tipo de poder ou estiver nessa posição como um líder na sua comunidade, esteja ciente de como possa ajudar colocando as pessoas negras, não em um pedestal, porém, ajudando-as a seguir adiante e sair de um local marginalizado. "É um equilíbrio, ainda é sobre fazer o que você ama e fazer isso bem, mas manter os seus princípios e integridade para isso", Complementa Soul.

Por conseguinte, podemos compreender que você pode ser a mudança que você procura. Toda vez que você coloca a si mesmo na posição de mudança, é totalmente normal que cometa erros, mas a chave é ouvir ao seu redor, pegar esse feedback e continuar a crescer com aquele amor pela dança, pelo Hip Hop, pela cultura e não, prioritariamente, com o amor sob si mesmo. Acomunidade vai mudar um indivíduo por vez e essa mudança começa com você.

Esther Bellinazzi Pills:

Hip Hop: Cultura que envolve quatro vertentes, sendo essas: DJ, Rap, Grafite e Brake dance.

Hype: Algo que está na moda, comentado por muitas pessoas.

Challenges: Desafios que geralmente são propagados nas redes sociais para dançar alguma coreografia e música do momento.

- **RAP**

Para a segunda matéria, trazemos de forma informativa a história do RAP, explicando sua trajetória e influência desde sua origem até os dias atuais, escrita em forma de infográfico. E já que se trata de uma matéria que volta ao passado, utilizados o ícone "retornar".

- **Arte Circense**

A arte circense entra como a terceira matéria da revista. Utilizamos o ícone “pause” para que o leitor reflita sobre esse assunto, pois escrevemos como ela é inserida na Arte de Rua, explicando também como ela pode ser inserida em todos os lugares, e como as pessoas em geral tem um pré-julgamento sobre ela sem mesmo saber profundamente do que se trata.

Matéria Completa:

Artigo: Eduardo Porfírio
Tema: Circo - Arte de rua
Título: Artistas Circenses inseridos no contexto da arte de rua
Subtítulo: “A mudança de cor do farol é o ensejo para o artista entrar em cena”

Entende-se como arte de rua todas intervenções artísticas encontradas no meio urbano que geralmente não seguem padrões estéticos.

Pinturas, esculturas, instalações, dança, música, performances circenses entre várias outras são habitualmente encontradas neste meio e geralmente quem as representam são artistas que possuem um propósito característico que fomenta sua criatividade.

“O que a maioria dessas manifestações tem em comum é que elas surgiram como alternativas de comunicação, denúncia/protesto e até mesmo renda para pessoas marginalizadas que viviam em periferias, onde suas más condições de vida se escondiam e suas vozes não podiam ser ouvidas”, relata a Wearehuman.

A arte circense apresenta como um dos seus objetivos permitir a experimentação de uma existência ampliada, dissolvendo o que nos separa do mundo proporcionando a visibilidade ao espetacular, ao que não é visto continuamente. Oportunizando uma experiência baseada na presença viva, transformando a arte em parte da vida.

O grau de complexidade de algumas atividades da arte circense não requer grandes requisitos intelectuais ou de instrução e nem manuseio inteligível instrumental sofisticado, bastando apenas talento natural, cuja distribuição pela mãe natureza é totalmente aleatória, e um incentivo.

- **Arte circense e suas intercorrências**

O local fixo em que ocorre a arte circense recebeu o nome de circo porque descende do vocábulo latino “circus”, que é uma referência ao formato circular dos teatros romanos, sendo assim uma forma de inspiração para os primeiros espetáculos da arte circense.

Mas a arte circense não se encontra apenas em um local fixo, ela está também inserida no espaço urbano, sendo assim considerada como arte de rua; comumente como uma forma de trabalho informal, onde praticantes inseridos neste meio muitas vezes abrem mão de suas atividades pessoais, do comodismo, para viver de uma arte ainda desqualificada e pouco reconhecida pela sociedade.

Pode se considerar artistas, aqueles que empregam a arte como meio de sobrevivência?

Por ser um berço da diversidade cultural, a presença dos artistas representa o espaço de criatividade e emancipação da produção e reprodução social, é possível discernir entre aqueles que vivem da arte de rua, e aqueles que encontram-se nas ruas e utilizam este meio como forma de suprir suas necessidades diárias. Ou seja, há diferença entre aqueles que optaram como forma de trabalho, e os que dependem deste âmbito para sobreviver.

— As apresentações de rua ou na rua são democráticas e acessíveis a todos. Se por um lado as pessoas não foram buscar aquela apresentação de música ou de malabares por vontade própria, o caminho escolhido lhes oportunizou assistir algo diferente. Pagar, nesse caso, é uma escolha do passante. A troca é simbólica. Poucas moedas por poucos segundos para escapar da simples observação do sinal fechado que em breve vai abrir, ou ainda, ganhar um bom dia e um sorriso que poderá mudar o curso do dia de quem o recebeu — observa a pesquisadora, professora e coordenadora do curso de Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Silvana Boone.

De uma forma ampla, Silvana diz entender a arte como um conjunto de manifestações criativas cujo propósito é ampliar o pensamento sobre algo, provocar o espectador a sair da sua zona de conforto, fazer pensar sobre questões que talvez não sejam do seu cotidiano.

A arte tem um alcance muito amplo e pode se manifestar na rua também. O trabalho das pessoas que oferecem alguns minutos de distração no semáforo pode ser considerado uma forma criativa de ganhar a vida ou de forma mais poética, pode ser o compartilhamento daquilo que essa pessoa tem de mais significativo.

- **Prejulgamentos na labuta circense**

Apesar do preconceito ainda ser uma grande barreira para os artistas de rua, e o retorno financeiro ser escasso, praticantes deste meio afirmam que é recompensador ganhar a vida transformando o dia a dia de outras pessoas.

Podemos dizer que a arte dos circenses, evidenciando o malabares é uma arte silenciada devido à ausência do uso das palavras, mas fortemente realçada pelas demonstrações artísticas de que somos parte de uma mesma comunidade.

— Em linhas gerais, associam-se à pessoa malabarista os movimentos ou lançamentos realizados com malabares (bolas, claves ou outros itens), de modo a manter tais objetos no ar ou, no caso da manipulação, mantê-los em contato com o corpo. Contudo, a presente investigação incluiu ao termo malabarismo outras formas de manifestações humanas, pois nos semáforos dos centros urbanos também há pessoas que realizam movimentos com diabolô (bastão japonês), rola-rola (cilindro e prancha, nos quais se tenta manter equilíbrio) e diversas outras artes (tais como acrobacias no solo, mímicas/representações, danças, contorcionismos e pirofagismo, por exemplo).

Portanto, concebemos que todas estas formas materiais e simbólicas de expressão da cultura humana também representam o malabarismo diário que moradores de rua e malabaristas realizam na prática social do pedir nos semáforos e tantas outras das quais fazem parte, ora reproduzindo, ora lutando contra a discriminação, a desqualificação, a violência social que vêm sofrendo, historicamente, em nossas sociedades. Tais formas de expressão nos revelam, assim, a resistência, a esperança, os sonhos que se movem por um mundo menos violento, mais justo, dialógico, ético e, portanto, humano. Discorre Paulo Henrique Leal, do Instituto Federal de São Paulo.

- **Grafite**

A última matéria é na verdade uma entrevista que fizemos um grafiteiro de Ribeirão Preto chamado Elieser Pereira, cujo nome artístico é Leser, de 37 anos. Ele conta como a arte influencia em sua vida, e como pode influenciar a vida de outras pessoas, além de falar sobre suas criações e como são feitas, sobre o preconceito da sociedade perante a arte de rua, entre outros temas. Como o Grafite é um assunto bastante atual e comum, ele é representado com o ícone “play”.

A seguir, apresentamos a entrevista completa com Leser, destacando as perguntas selecionadas:

Elieser Pereira (Leser) - 37 anos

Grafiteiro, educador social, músico, comunicador e produtor cultural de Ribeirão Preto - Jardim Paulista

Trabalhos realizados – Maior parte dos trabalhos contratados em Ribeirão Preto, mas tem obras em várias cidades como São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA, Cabo Frio/RJ, Avaré/SP, Pardinho/SP e Botucatu/SP.

1 O que o grafite representa para você?

"O grafite para mim na verdade, vai além da pintura em si, da manifestação cultural, é um estilo de vida. O Hip Hop tem quatro elementos, quatro manifestações artísticas onde cada uma vai em uma linha de intervenção, o que costumamos dizer que são as artes plásticas do Hip Hop. Então quando você se envolve com a cultura Hip Hop e com o grafite, passa a receber uma visão legal de criatividade, ele tem um movimento no mundo todo, ele se dialoga, está muito presente em diversos lugares. Então o grafite representa para mim também um estilo de vida porque interfere na nossa forma de ver o mundo, de ver os lugares, de ver o lance de ambientação, de estética e também consegue transmitir sentimentos, transformar lugares, sensações, o grafite é isso."

2 Partindo de um ponto de vista pessoal, o que você enxerga como arte?

"Arte tem diversas manifestações, inúmeras formas de se manifestar, ela transcende, ela provoca, causa reflexão, causa sensações, então vejo como uma manifestação que foge da realidade às vezes para nos trazer da realidade, ela choca. Tudo é arte, em todos lugares vejo arte de alguma forma."

3 Você acredita que ainda há um preconceito da sociedade em geral perante a arte de rua?

"O grafite é 'engraçado', porque a nossa cultura vem de um lugar marginalizado, então existe um preconceito. Nos Estados Unidos quando surgiu foi com intuito de demarcar território, as gangues começaram a demarcar os territórios no 'Bronx' e isso se espalhou para o mundo todo. Hoje a gente faz isso também, onde moro tem vários grafites meus e vou expandindo, e estamos no meio termo nesse 'lance' de preconceito, porque tem hora que a gente faz ilegal, tem hora que a gente é convidado para pintar, tem hora que a gente é remunerado para pintar, tem hora que a gente faz uma obra que a galera vê como uma imagem artística, tem hora que a galera vê a gente como algo escroto e 'vandal', então a sociedade tem esse olhar de discriminação e também tem um pouco de "gourmetização" do grafite, pois tem lugares que vira moda onde já toma um outro rumo, o que também não acho legal.

Mas ser discriminado também, eu acho que ninguém merece, não é legal pra ninguém; então é legar haver uma compreensão de respeito voltada para essas manifestações artísticas e por vir da 'margine', iremos passar sempre por isso, o que não é legal."

Bronx - burgo na cidade americana de Nova Iorque

Vandal - Ato referente ao vandalismo, termo mericano

1 Em algum momento da sua vida a arte que você cria foi essencial para a manutenção da sua saúde mental?

-

2 Em que você é mais grato quando citamos as suas obras públicas?

"O reconhecimento gera gratidão. "

3 Qual seu sentimento durante a criação de uma obra? E ao finalizar?

"O grafite eu costumo realizar de duas formas: tem vezes que sou contratado para trabalhar e os grafites que eu faço produção, eu não pinto, pois é um grafite mais voltado pra rua, são letras, Wild Style, Peace, que são duas letras mais tradicionais interligadas à cultura Hip Hop, interligadas à essa visão urbana, então não se torna comercial. E quando eu sinto necessidade de reproduzir esse estilo de arte, eu pego minhas latas, saio pra rua procurando um muro e começo pintar. O que me faz muito bem, me traz uma grande satisfação pessoal.

E também muitas pessoas me procuram, e eu dirijo produções artísticas, porque geralmente quando você vai fazer um mural ou vai fazer uma decoração em algum ambiente, eu chamo profissionais que são mais especializados no estilo que a pessoa procura e faço direção dessa arte. Então ajudo pensar no material que o cliente quer, qual estética combina com aquele ambiente, penso junto com o cliente e com o artista, viabilizo todo equipamento, todo material, e faço a contratação. Então o grafite tem esses dois momentos, onde eu gosto de 'fazer rua', que é quando saio sozinho para pintar e também quando sou contratado para dirigir as artes, o que é uma satisfação enorme trabalhar com algo que lhe traz prazer. E quando saio pra pintar, requer um investimento muito grande em tintas, mas é algo muito prazeroso, nos resgata algo muito íntimo que conseguimos retratar na parede;

apesar de às vezes não parecer, mas o envolvimento do artista é muito grande com a arte que ali está retratada, tem muito do artista ali."

4 Você possui algum objetivo com a sua arte?

"Meu principal objetivo é sempre poder estar fazendo minha arte, sempre estar nas ruas. Não quero estar em evidências, pois tem aqueles artistas que tem o objetivo de serem conhecidos, o que é legal também. No grafite tem uma disputa que é muito saudável onde um artista tem que ser melhor que o outro, não que um tem que derrubar o outro, mas na rua é legal que todos vão se qualificando e fazendo trabalhos melhores que o outro, claro, entendendo que cada um tem um ponto de vista diferente da arte.

Mas quando vejo um grafite de outros artistas, fico muito feliz por ver o progresso, e levo como inspiração para a minha arte. Quero sempre estar pintando, sempre ter materiais, sempre poder estar nas ruas espalhando minha arte, e quando você é reconhecido é muito satisfatório, me deixa muito feliz.

E profissionalmente eu tenho objetivos maiores, como por exemplo, fizemos a primeira empena de Ribeirão Preto, que é no Teatro Municipal onde dirigi essa obra; agora estamos com projetos de prédios maiores, o que é sempre uma grande honra de representar a minha cidade, vejo como uma conquista coletiva e se torna muito importante para minha carreira de artista."

5 Existe alguma paleta de cor ou alguma técnica que defina você e o estilo de suas obras?

"É bem engraçado esse lance de paleta de cores, algumas vezes eu fiz trabalhos que usei muito verde e azul, desde o verde menta ao verde folha, com azul por fora; e fiz alguns trabalhos destes nas minhas letras na rua, e parei de pintar por questões políticas que o momento está usando a bandeira do nacionalismo para impor uma reação com o governo atual, pelo qual sou bem contrário, eu amo o Brasil, não amo a bandeira, não amo a pátria, eu amo o Brasil, a nação; assim como a Venezuela, Argentina, Chile, então parei de usar o verde, amarelo e azul, onde usava vários

tons de verde e azul, deixei de usar para a 'galera' não confundir que sou vinculado à política, e passei a usar os tons de rosa, pink, magenta e cinza, uma combinação que tem em vários trabalhos meus, na rua tem muitas artes nessas cores e a cada momento eu vou modificando, as vezes vou produzir com o material que tenho, mas ultimamente fiz trabalhos em Salvador e em Ribeirão nessa paleta de cores do rosa e cinza; cores que estou gostando muito de trabalhar.

Em relação a técnicas, eu gosto de letras, e na maioria das vezes o grafite é mão livre, onde não usa molde vazado, tem pouco uso de pincel, e é mais feito com rolinho, látex e spray. Então na maioria das vezes é uma arte feita à mão livre, e minhas técnicas vão se aprimorando cada vez mais, quando aprendo técnicas com traços, 'recortar' muito bem tudo na mão o que é muito interessante, no spray é uma técnica diferente. Então gosto muito do uso da mão livre, em certas posições uso o auxílio de materiais como fitas por conta de dificuldades, o spray você precisa dominar a questão do bico, da pressão da lata, posição que vai fazer o traço, então minhas técnicas vou aprimorando cada vez mais, mas a técnica varia de artista para artista; eu gosto de mão livre, spray, bico e pressão, são os materiais que mais gosto de usar para produzir."

6 Qual conselho você deixa para quem quer seguir a vida como artista?

"É difícil deixar um conselho, mas você tem que sempre seguir aquilo que você acredita, que tem um envolvimento, algo que não seja sob pressão, seguir as escolhas pessoais, se dedicar independente do retorno financeiro.

É importante você ter uma estrutura para fazer o que quer, o que tem vontade. Por exemplo, eu tenho meu trabalho, minha vida particular, e também pinto, aí se você se tornar alguém qualificado, requisitado, isso vai se tornando o carro- chefe da sua vida, mas esse processo tem que ser natural, se não se torna uma frustração.

Viver da arte não é fácil, você precisa ter a 'mente no lugar' e entender que será conhecido através daquilo que te destaca, caso não lhe traga retorno tanto financeiro quanto de reconhecimento, faça por prazer pessoal. Sempre invista naquilo que lhe traz prazer, pois futuramente irá te trazer um retorno. Então meu conselho é ser você, não vier sob pressão, não querer ser igual outro artista, tem que traçar seu caminho e assim encontrará a felicidade."

7 A arte de rua, se trata de uma arte que além de diversos fatores traz consigo a acessibilidade a arte para as pessoas que não tem como visitarem um museu por exemplo. Você acredita que que o público fica mais surpreso com esse tipo de arte?

-

8 O que te levou a tentar grafitar pela primeira vez?

"O que me levou a grafitar pela primeira vez foi a influência de um artista que tinha no meu antigo bairro, eu andava de skate, estava conhecendo a cultura Hip Hop e fui em busca de conhecimento de cada manifestação artística do Hip Hop. Aí saí para pintar com um dos meus amigos que desenhava muito bem, e foi o primeiro contato que tive com a arte.

Depois comecei a ter vivência com um pessoal que estavam mais inseridos na cultura Hip Hop e foi onde aprendi mais sobre o grafite. E o que eu mais faço dentro da cultura Hip Hop, é ser Rapper, MC, mas quando você vivencia essa cultura, acaba conhecendo todas as suas manifestações artísticas e seus elementos. Como rapper, eu comecei conhecendo sobre Tag que é a assinatura de grafite, comecei a vivenciar ambientes de criação do grafite, onde tive a oportunidade de participar de oficinas, promover oficinas de grafite, e através desses ambientes eu via meus amigos se destacando com suas técnicas e resolvi pintar com esses meus amigos. Hoje faço parte de uma 'crew', que é uma das mais antigas de Ribeirão Preto, formada por uma galera muito boa, muitos dos integrantes são bem qualificados no grafite. Então minha maior influência foi através de amizades e a vontade de conhecer a cultura Hip Hop."

Crew – grupo de grafiteiros

9 Você já tinha alguma relação com a arte de rua antes de se envolver com o grafite?

"O envolvimento com a arte de rua, veio quando comecei a me inserir na cultura Hip Hop e no grafite, então veio a acontecer tudo junto. "

10 Você teve apoio de sua família e amigos quando disse que queria ser artista?

“Viver de arte gera um certo desconforto, você pode ser um artista conceituado, mas mesmo assim as pessoas pensam, ‘mas ele só vive disso, só pinta? ’, o que parece que você está roubando alguém vivendo só da arte. Mas desde cedo eu sempre trabalhei muito pra conquistar tudo que eu queria, comecei andar de skate aos 15 anos, então sempre fui independente em relação a pagar minhas contas, e nunca tive apoio da minha família. O apoio e reconhecimento só vem quando você recebe um retorno financeiro, na maioria das vezes. Poucas famílias respeitam os parentes que querem se dedicar à arte, isso aconteceu comigo vivendo da cultura Hip Hop, hoje tudo que eu faço vem da escolha de ser rapper, até mesmo ser grafiteiro vem dessa escolha, pois foi através de ser rapper, MC, que eu me aproximei da cultura. Nunca tive apoio, mas hoje em dia as pessoas me respeitam muito. Hoje tenho um certo reconhecimento, pois as pessoas me procuram para fazer trabalhos de grafite e estou envolvido nas maiores obras de grafite da cidade.”

11 Em algum momento na sua carreira, você sofreu algum tipo de preconceito?

“Preconceito a gente sempre sofre, por ser negro, por ser artista, mas superamos através do autoconhecimento, não que é algo normal, pelo contrário, mas temos que estar preparados para lidar com isso.”

12 Como é o seu processo criativo? Quais as suas inspirações?

“O processo criativo é engraçado, às vezes faço rascunhos quando estou em casa tranquilo ouvindo músicas, e quando estou dando um ‘rolê’ encontro um muro e começo a estudá-lo, analiso o tanto de material que tenho disponível pois o spray é caro, e a lata de spray é com uma caixa de lápis de cor, você não compra sempre, quando você tem vai usando até acabar; e em cada obra é utilizado por volta de dez latas.

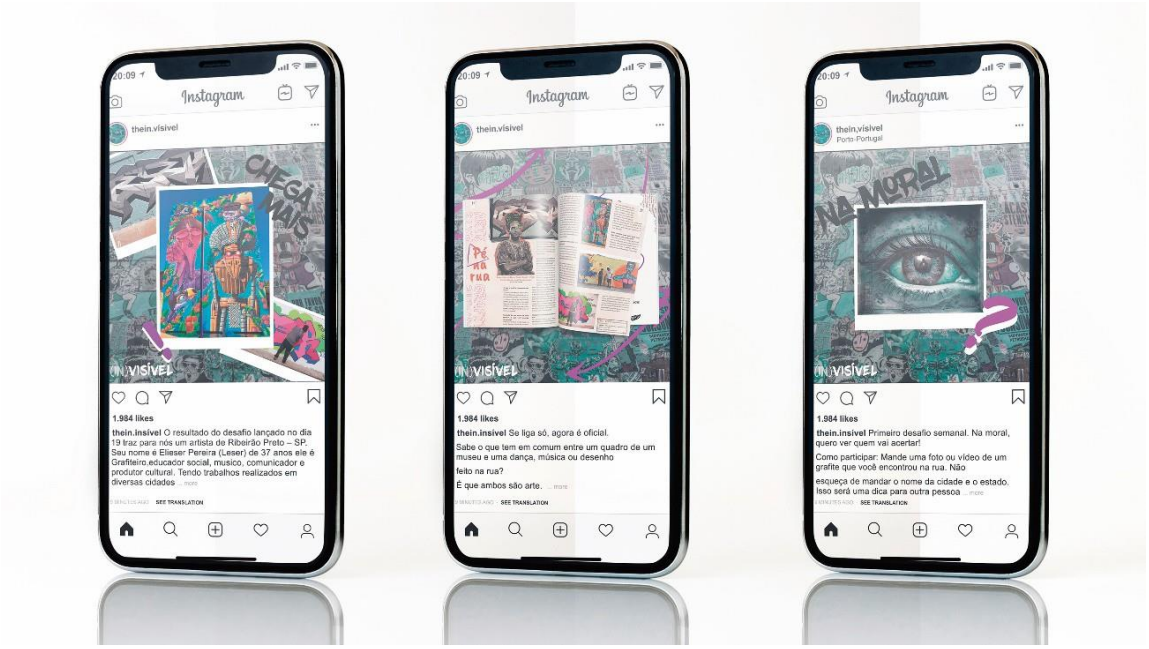
Então o processo criativo é dessa forma, faço rascunhos em casa e fico com vontade de expor nas paredes, aí vou procurar um local para desenvolver o trabalho. Mas tem o problema de o local ser autorizado, ou não, e quando não é autorizado tem a adrenalina de fazer a arte antes de chegar alguma autoridade, quando é

autorizado é mais tranquilo e você acaba curtindo mais, o processo criativo se desenvolve de forma mais leve, ocorrendo até mudanças ao que foi pensado."

Extras – Vídeo Promocional

Para a apresentação da revista, criamos um vídeo animado. Primeiramente mostramos a capa e logo em seguida uma arte em colagem aplicada em página dupla. Depois mostramos o sumário e na página ao lado outra arte com a aplicação do slogan. Nas páginas de 4 à 7 temos a matéria "Realidade Paralela" e nas páginas 8 e 9 o infográfico sobre RAP que é montado em página dupla; em seguida, começa a matéria sobre Arte circense, que vai da página 10 à página 12, sendo que na página 13 temos uma arte com o tema da matéria. As páginas 14 e 15 são para a entrevista, com fotos do entrevistado e suas obras. Na página seguinte optamos por colocar uma publicidade do Projeto Aqua, e na página ao lado a apresentação dos editores e seus respectivos cargos; e por fim, fechamos a revista mostrando novamente a capa e a contra capa ao lado.

Redes Sociais



Para a criação de conteúdo foi programado 3 publicações semanais. A única exceção seria apenas para as datas sazonais que estão relacionadas de certa forma ao

projeto. Tendo isso como base, criamos a linha de postagem.

Na segunda seria lançado um desafio semanal onde desafiamos o nosso público a mandar um vídeo ou foto sobre alguma vertente da arte de rua e qual é o nome do artista que gerou aquela arte. Os *feedbacks* destas postagens serão realizados na publicação de sexta, onde divulgamos a arte e o artista mais comentado. Trazendo algumas informações sobre ambos na própria publicação, possibilitando uma certa interação entre as pessoas que já são familiarizados com a arte de rua e as pessoas que não conhecem tanto este universo. Já as publicações de quarta foram voltadas para divulgar a revista ou então trazer curiosidades das diferentes das vertentes da arte de rua.

Para estruturarmos uma identidade que não se torna cansativa aos olhos do público seguiríamos uma padronização de cores e estilos.

A cada semana será utilizado uma cor da nossa paleta como uma cor base para as publicações. Por exemplo na semana 1 será utilizado o roxo, na semana 2 será utilizado o azul e etc.

Os desafios e as publicações poderão variar do colorido ao branco e preto, porém sempre seguirão o estilo fotográfico antes comentado. A baixo deixamos as primeiras publicações realizadas no Facebook e Instagram.

REFERENCIAS

HELLER, Eva; SILVA, Maria Lucia Lopes da. **A Psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Olhares, 2021.

A ARTE como ferramenta para construir vidas melhores. 2019. (3 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xCJZYlEhmss&ab_channel=ManoseMinas. Acesso em: 09 nov. 2020.

CONSCIENTIZAÇÃO da cultura negra através da dança. 2019. (3 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w38gpTJeB8Y&ab_channel=ManoseMinas. Acesso em: 09 nov. 2020.

DIANA, Daniela. **Antítese**. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/antitese/. Acesso em: 09 nov. 2020.

FERNANDES, Márcia. **O que é dicotomia?** Disponível em: https://www.todamateria.com.br/dicotomia/. Acesso em: 09 nov. 2020.

MACÁRIO, Carol. **Conheça a música de Gloire Ilonde, artista e cantor do Congo que vive em Florianópolis**. Disponível em: http://osoldiario.clicrbs.com.br /sc/diversao-e- estilo/noticia/2017/06/conheca-a-musica-de-gloire-ilonde-artista- e-cantor-do-congo-que-vive-em-florianopolis-9820790.html. Acesso em: 09 nov. 2020.

MENDONÇA, Camila. **A arte desenvolvida nas ruas**. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br /enem/artes/arte-urbana. Acesso em: 09 nov. 2020.

O ARTISTA que pinta a representatividade. 2019. (4 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CiRpIf8FkII&ab_channel=ManoseMinas. Acesso em: 09 nov. 2020.

OSWALDO Pereira: o primeiro DJ brasileiro. 2019. (4 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-KAcfKJi-Ds&ab_channel=ManoseMinas. Acesso em: 09 nov. 2020.

PALESTRA Hip Hop - Arte,Cultura, Sociopolítica e Mercado. 2017. (55 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N3_9YxldGWI&ab_channel=GriotUrbano. Acesso em: 09 nov. 2020.

REFUGIADO congolês e rapper no Brasil. Produção de Manos e Minas. 2019. (4 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qiXqDBwur5I&ab_channel=ManoseMinas. Acesso em: 09 nov. 2020.

SAMARA, Timothy. **Grid**: Construção e Desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

APÊNDICE A - Produção